

* Mestrando em
Arqueologia,
Faculdade de Letras
da Universidade de
Lisboa.
alexvaranda91@gmail.com

** UNIARQ – Centro
de Arqueologia da
Universidade de
Lisboa.
marcoandrade@
campus.ul.pt

O Paleolítico Inferior no sítio do Sobral do Martim Afonso (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal): a coleção do Museu Nacional de Arqueologia

Alexandre Varanda*
Marco António Andrade**

Resumo Juntamente com o espólio neo-calcolítico recolhido no sítio pré-histórico de Sobral do Martim Afonso, encontra-se nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia um conjunto de artefactos líticos que, pelas suas características morfológicas, se enquadrará no Paleolítico Inferior, destacando-se a presença de bifaces e machados de mão, usando exclusivamente quartzito como suporte. Deste sítio, geologicamente incluído nos níveis de terraços inferiores do Plistocénico, são conhecidos outros conjuntos contemporâneos, recolhidos na década de 40 do século passado durante os trabalhos do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e da Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal na área de Muge. Os autores pretendem, neste âmbito, apresentar o conjunto inédito do Museu Nacional de Arqueologia, integrando genericamente a sua leitura nos vestígios do Paleolítico Inferior da margem esquerda do baixo Tejo.

Abstract Together with the Neolithic/Chalcolithic artefacts collected in the prehistoric site of Sobral do Martim Afonso, one can find in the reserves of the National Archaeological Museum (Lisbon) a set of lithic artefacts which, by their morphological features, can be attributable to the Lower Paleolithic, highlighting the presence of handaxes and cleavers, produced exclusively in quartzite. From this site, geologically included in the lower levels of the Pleistocene terraces, other contemporary sets are known, collected in the 1940s during the works of the Anthropological Institute of the University of Porto and the Commission of the Geological Surveys of Portugal, in the area of Muge. The authors intend, in this context, to present the unpublished set of the National Archaeological Museum, and generally integrate its reading in the Lower Paleolithic remains of the left bank of the lower Tagus valley.

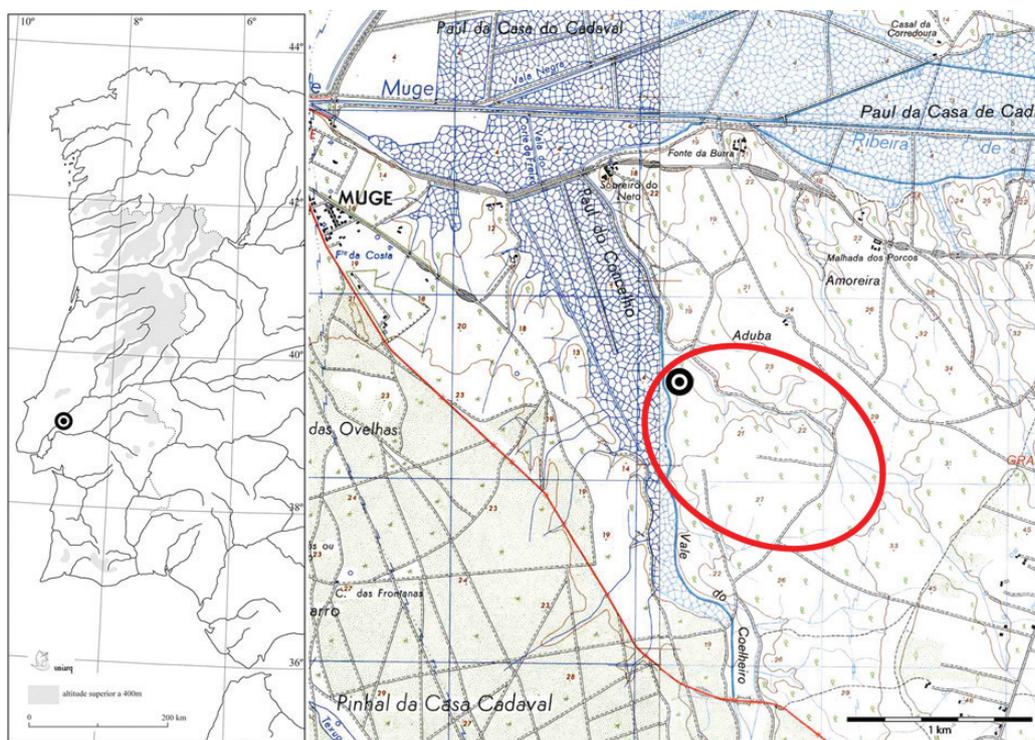


Fig. 1 – À esquerda: localização do sítio do Sobral do Martim Afonso no Ocidente peninsular. À direita: situação do sítio na folha n.º 378 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25 000). O ponto negro indica a localização provável do contexto neo-calcolítico; a elipse vermelha indica a área conhecida localmente como Sobral do Martim Afonso.

0. Nota prévia

Durante o estudo do espólio arqueológico recolhido no sepulcro neo-calcolítico do Sobral do Martim Afonso (Muge, Salvaterra de Magos), realizado por um dos signatários (MAA) no Museu Nacional de Arqueologia, foi identificado um conjunto de artefactos líticos atribuíveis ao Paleolítico Inferior, recolhidos aparentemente no mesmo âmbito (trabalhos de F. Pereira da Costa na década de 60 do século XIX) e associados àquele primeiro contexto.

Não se tratando de um sítio inédito, sendo conhecidas recolhas na mesma área durante os trabalhos do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto e da Comissão de Serviços Geológicos de Portugal durante a década de 40 do século passado, refere-se contudo a um conjunto até ao momento desconhecido.

Sendo que o seu estudo não se poderia incluir, por exigências de objetividade, no trabalho específico referente ao contexto neo-calcolítico entretanto dado à prensa (Andrade, no prelo), apresenta-se aqui o estudo desta coleção inédita, integrando-a nas evidências de ocupação do Paleolítico Inferior da margem esquerda do baixo Tejo.

Neste sentido, agradece-se ao Dr. António Carvalho, diretor do Museu Nacional de Arqueologia, a

autorização para o estudo deste espólio, assim como se agradece a presteza de Luísa Guerreiro, Paulo Alves e Luís Antunes, durante a execução do mesmo. Agradece-se ainda a Marianne Deschamps pelo seu *input* sobre os machados de mão do Paleolítico Médio, e a João Pedro da Cunha-Ribeiro pelo apoio prestado no estudo desta coleção.

1. Introdução

As ocupações paleolíticas da área da Ribeira de Muge são genericamente conhecidas desde os anos 40 do século XX, enquanto decorriam os trabalhos do Instituto de Antropologia da Universidade do Porto conduzidos por A. Mendes Corrêa (Corrêa, 1940). Ainda nessa década foram realizados trabalhos pela Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal, orientados por G. Zbyszewski que, em conjunto com H. Breuil, estuda o Paleolítico das jazidas de terraços do Tejo (Breuil & Zbyszewski, 1942, 1945), publicando posteriormente «Le Quaternaire du Portugal» (Zbyszewski, 1958), onde menciona as jazidas da região de Muge.

Desde então, foram desenvolvidos poucos trabalhos que incidissem especificamente sobre o Paleolítico da região. Serão de referir apenas

os estudos do espólio recolhido na jazida das Malhadinhas (Neves, 1988; Pereira, 2004) e os estudos de M. C. Santos sobre as jazidas de Vinha do Veiga e Glória (Santos, 1968, 1969). Mais recentemente, a construção da A13 permitiu a identificação de novas jazidas e revisão de jazidas já conhecidas (cf. Pereira, 2006), destacando-se a Quinta da Boavista (relativamente próxima, tal como Malhadinhas, ao Sobral do Martim Afonso), que se constitui como a mais recente escavação (e consequente publicação) abordando esta temática na região (Moral & *alii*, 2011).

A coleção aqui estudada é proveniente de recolhas descontextualizadas de artefactos do Paleolítico Inferior, possivelmente efetuadas durante os trabalhos de F. Pereira da Costa nos concheiros de Muge em 1863, em colaboração com Carlos Ribeiro, e especificamente durante os trabalhos no sepulcro neo-calcolítico do Sobral do Martim Afonso (Andrade, no prelo). Pouco se sabe sobre a presença deste espólio nas reservas do Museu Nacional de Arqueologia. Com efeito, é apenas referido por E. A. Correia Lopes a entrada, em dezembro de 1912, do báculo do sepulcro neo-calcolítico do Sobral do Martim Afonso, transferido do Museu da Escola Politécnica (Lopes, 1913, p. 165). Contudo, não faz menção aos restantes elementos do conjunto (como a alabarda, as lâminas de sílex, os recipientes cerâmicos, os restos osteológicos humanos), pelo que podemos conjecturar que o espólio aqui estudado poderá ter revertido conjuntamente com o espólio neo-calcolítico deste sítio para o Museu Nacional de Arqueologia, sem disso haver referência.

Terá assim sido incorporado após recolha nas reservas do Museu da Escola Politécnica, tendo revertido posteriormente (pelas circunstâncias que se conhecem) para o Museu Nacional de Arqueologia, onde se encontra atualmente arrolado em conjunto com o espólio neo-calcolítico do sepulcro do Sobral do Martim Afonso. Seja como for, a aparente inexistência de notas de campo de F. Pereira da Costa dificulta o esclarecimento da questão da proveniência exacta deste espólio.

Além desta coleção, existe também em exposição no Museu dos Serviços Geológicos (assim como na coleção do Museu de História Natural do Porto) algumas peças provenientes do Sobral do Martim Afonso (não incluídas neste estudo), estando também referenciadas reco-

lhas de superfície efetuadas durante a construção da A13, datáveis já de uma cronologia mesolítica (Pereira, 2006).

2. Localização

O sítio do Sobral do Martim Afonso (CNS 11567) localiza-se na Freguesia de Muge, concelho de Salvaterra de Magos, distrito de Santarém, podendo ser referenciado na folha n.º 378 da Carta Militar de Portugal (esc. 1:25 000).

Situa-se na margem direita da ribeira do Vale do Coelho, a cerca de 1 km da confluência desta com a ribeira de Muge, implantando-se numa encosta suave resultante da erosão do terraço pela ribeira (agora represada) que corre no seu vão.

Atualmente, não é possível definir com rigor a proveniência exata deste espólio. No entanto, é possível circunscrever com relativo rigor a área localmente conhecida como Sobral do Martim Afonso, correspondendo à extensa plataforma cingida pela Ribeira do Vale do Coelho a oeste e um curso de água subsidiário a leste (precisamente aquele que é conhecido como Vale do Martim Afonso).

3. Contexto geológico

O sítio do Sobral do Martim Afonso referencia-se na folha n.º 31C da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50 000). Implanta-se sobre terraços fluviais do Tejo datáveis do Plistocénico (Q3 – Tirreniano I), localizados a leste do Vale do Coelho e correspondendo a uma extensa área aplanada encaixada entre os níveis do Miocénico detrítico (complexo argilo-gresoso) a leste e o curso do Tejo a oeste, coberto nos interflúvios dos cursos de água subsidiários do Tejo por depósitos de areias superficiais holocénicas.

A localização da jazida arqueológica sobre estes terraços não garante que alguns dos materiais recolhidos não possam ser também provenientes de um outro terraço localizado nas proximidades do sítio, como um terraço (Q4 – Tirreniano II) que cobre toda a margem oposta do Vale do Coelho (este vale separa os dois terraços).

Encontrar um contexto geológico para os materiais



Fig. 2 – Situação do sítio na folha n.º 31C da Carta Geológica de Portugal (esc. 1:50 000). O ponto negro indica a localização provável do contexto neocalcolítico; a elipse vermelha indica a área conhecida localmente como Sobral do Martim Afonso.

torna-se deste modo uma tarefa problemática, até porque está identificada a existência de materiais líticos talhados em ambos estes terraços do Tejo (cf. Quadro 2 *infra*).

Não obstante, e tratando-se de um vale onde a travessia é relativamente difícil de uma margem para outra (na atualidade é uma represa, na época da intervenção arqueológica seria uma área de paul), podemos considerar como provável que a recolha destes artefactos tenha decorrido na margem direita do vale, onde estão apenas presentes os terraços Q3 (de onde provêm igualmente os materiais neo-calcolíticos associados).

No âmbito da elaboração da Carta Geológica, foi realizada uma sondagem não muito

distante da área genérica do sítio arqueológico. As altimetrias do terraço têm uma variação entre os 25 m e os 40 m, tendo sido identificados cinco níveis estratigráficos apresentando as seguintes características (Zbyszewski & Ferreira, 1968, p. 12):

Mais a NW, ao longo da estrada da Glória para Muge, os mesmos terraços apresentam, a E do vale do Coelho, a seguinte sucessão:

- 5 – Cascalheiras superiores do terraço, com intercalações de areias acastanhadas e avermelhadas (fase glacial pluvial do Riss)
- 4 – Grés argilosos, acastanhados e avermelhados (cerca de 10 m)

3 – Argilas arenosas, castanhas, tornando-se acinzentadas e com laivos castanho-avermelhados na parte superior (4,30 m). Na área próxima do vale do Coelhoiro são ravinadas e cobertas por areias superficiais e por cascalheiras de baixos terraços

2 – Grés argilosos, acastanhados, passando a areia amarelada com ondulações castanhas parecidas com ripple marks (1,60 m)

1 – Areias grosseiras com seixos e calhaus rolados, formando uma cascalheira acastanhada por vezes ferruginosa na base do terraço médio (fase glacial pluvial do Mindel).

Mais recentemente, foi elaborado um estudo geológico a cerca de 2,5 km do Sobral do Martim Afonso, na jazida arqueológica da Quinta da Boavista (Moral & *alii*, 2011). Neste trabalho, está representada a sequência estratigráfica em vários perfis (feitos para a construção da A13) supostamente pertencentes às formações de terraços Q3. Porém, os próprios investigadores não tiraram interpretações conclusivas sobre os terraços, nem sobre o posicionamento da jazida nos mesmos. Contudo, avançam com a interpretação de que os terraços identificados na Carta Geológica serem apenas diferenciados pela altimetria do terreno, e não constituírem formações geológicas de facto (Moral & *alii*, 2011).

4. Metodologia

Tratando-se de uma coleção diminuta, e onde a cadeia operatória não está totalmente representada, optou-se por efetuar um estudo essencialmente tipológico, com especial incidência nos utensílios.

As dimensões das lascas foram aferidas pelo seu eixo tecnológico: comprimento ao longo do eixo de percussão da peça; largura num ponto máximo perpendicular ao do comprimento; espessura máxima da peça. Descreveu-se ainda o talão do artefacto e a sua integração na cadeia operatória de debitação do núcleo. Pela pouca expressividade deste conjunto na coleção, não se realizou um estudo mais aprofundado a nível tecnológico ou tipológico.

As dimensões dos núcleos foram medidas pelo seu eixo máximo de comprimento: largura num

ponto perpendicular a este; espessura num ponto máximo. Anotou-se também o suporte, o grau de exaustão, o número de negativos de levantamentos visíveis. Foram integrados na tipologia sugerida por M. Santonja (1984) para núcleos de quartzito provenientes de jazidas de superfície.

Para os unifaces, bifaces parciais e bifaces, foram utilizados os critérios propostos por F. Bordes (1961): comprimento ao longo do eixo morfológico; largura máxima num eixo perpendicular ao do comprimento; largura do ponto médio determinada perpendicularmente ao eixo morfológico, altura da largura máxima face à base do artefacto; espessura máxima. Também foi medido o perímetro do gume do artefacto para diferenciar os bifaces parciais dos bifaces. Para as características morfológicas dos artefactos seguiram-se os seguintes parâmetros descritivos: perfil das arestas (retilíneo, convexo, côncavo, sinuoso); forma dos bordos (retilíneo, convexo, côncavo, sinuoso); silhueta (simétrica equilibrada, não equilibrada ou assimétrica); secção (tabular, planoconvexa, biconvexa assimétrica ou biconvexa simétrica); sequência do desenvolvimento do talhe (alternado, alternante ou sequencial). Descreveram-se igualmente as extremidades proximais e distais. Por fim, classificou-se apenas os bifaces segundo a tipologia proposta por F. Bordes (1961).

O estudo dos triedros seguiu as linhas anteriores, diferenciando-se apenas na classificação, seguindo a tipologia desenvolvida para estes utensílios no norte de África (Leroy-Prost & *alii*, 1981), baseando-se na distinção de tipos de triedros pela superfície conservada na extremidade distal, em conjunto com a direção de percussão dos levantamentos que definiram a extremidade distal.

Para os machados de mão foram aferidas as dimensões pelo eixo morfológico da peça: corda do gume; silhueta (U ou V); secção; direção da percussão da lasca-suporte; arestas e formas dos bordos; morfologia da extremidade proximal; forma do gume (retilíneo, côncavo, convexo ou sinuoso); posição do gume face ao eixo morfológico (perpendicular ou oblíquo). Estes artefactos foram classificados segundo a tipologia proposta por J. Tixier (1957).

Os utensílios diversos foram medidos e classificados sumariamente pela sua morfologia e pelos retoques.

		Suporte			Total
		Lascas	Seixos	Indefinidos	
Artefacto	Lascas	3			3
	Núcleos		4	1	5
	Utensílios	7	6	8	21
	Outros		1		1
Total		10	11	9	30

Quadro 1 – Quantificação do espólio por classe tecnológica.

5. Artefactos

Das 30 peças que compõem a coleção do Sobral do Martim Afonso no Museu Nacional de Arqueologia, uma delas é inclassificável como artefacto lítico talhado, tendo sido estudadas as restantes 29 peças. Destas, três correspondem a lascas, cinco correspondem a núcleos, e os restantes 21 artefactos correspondem a utensílios líticos retocados.

A baixa representatividade das lascas e dos núcleos impossibilita um estudo mais pormenorizado da jazida. Esta realidade será talvez resultado de recolhas seletivas por parte dos coletores, cujo interesse incidiria sobretudo em utensílios e fósseis diretores (Pereira, 2004). Assim sendo, este estudo incorrerá sobretudo nos utensílios.

A totalidade do conjunto é elaborada em quartzito, sendo esta a matéria-prima com maior disponibilidade na região. Apresentam as superfícies com algum boleamento, embora as arestas se encontrem bem demarcadas.

5.1. Lascas

Este conjunto é representado por apenas três peças (a contagem exclui utensílios usando lascas como suporte, contabilizando sete exemplares). Apresentam as seguintes medidas médias: 85 mm de comprimento médio; 88 mm de largura média; 35 mm de espessura média; 267 g de peso médio.

Neste reduzido conjunto, todas as lascas são corticais, apresentando negativos de extrações anteriores ao levantamento da lasca, tratando-se de peças extraídas já numa fase plena de exploração do núcleo. Apenas uma delas tem o talão cortical, tendo as restantes talão liso não cortical.

É de salientar o uso de uma das lascas

(997.74.16) como percutor. A presença de macerações numa das extremidades, assim como nas arestas subjacentes a essa extremidade, evidencia o seu uso como percutor. O facto de que parte das arestas da face de estalamento da lasca está desgastada demonstra o seu uso numa cronologia posterior à extração da lasca, quando as arestas já estariam num avançado processo de desgaste.

5.2. Núcleos

Este conjunto é composto por cinco peças, apresentando as seguintes dimensões médias: 129 mm de comprimento; 81 mm de largura; 50 mm de espessura; 674 g de peso. O número médio de levantamentos visíveis é de seis extrações.

Correspondem sobretudo a seixos (quatro peças), cujo método de debitagem visa a extração de lascas, de uma forma aleatória (ou oportunista), sem uma estratégia de talhe

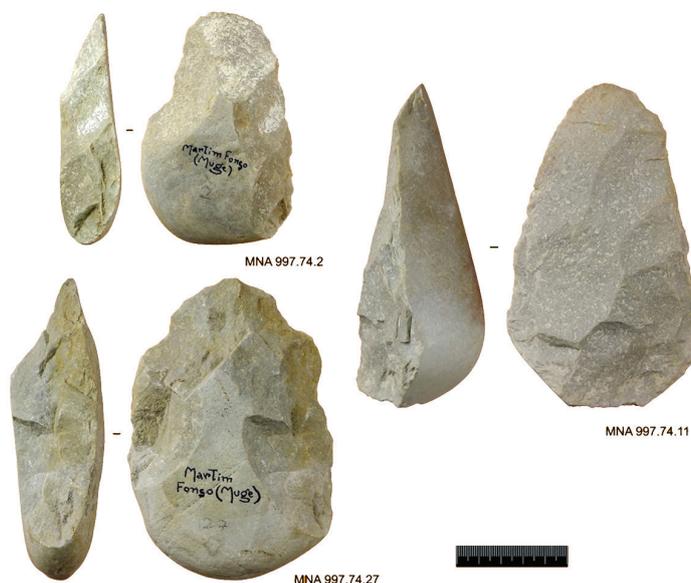


Fig. 3 – Unifaces recolhidos no sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso. MNA 997.74.2: uniface sobre seixo; MNA 997.74.11: uniface, suporte indefinido; MNA 997.74.27: uniface sobre seixo.

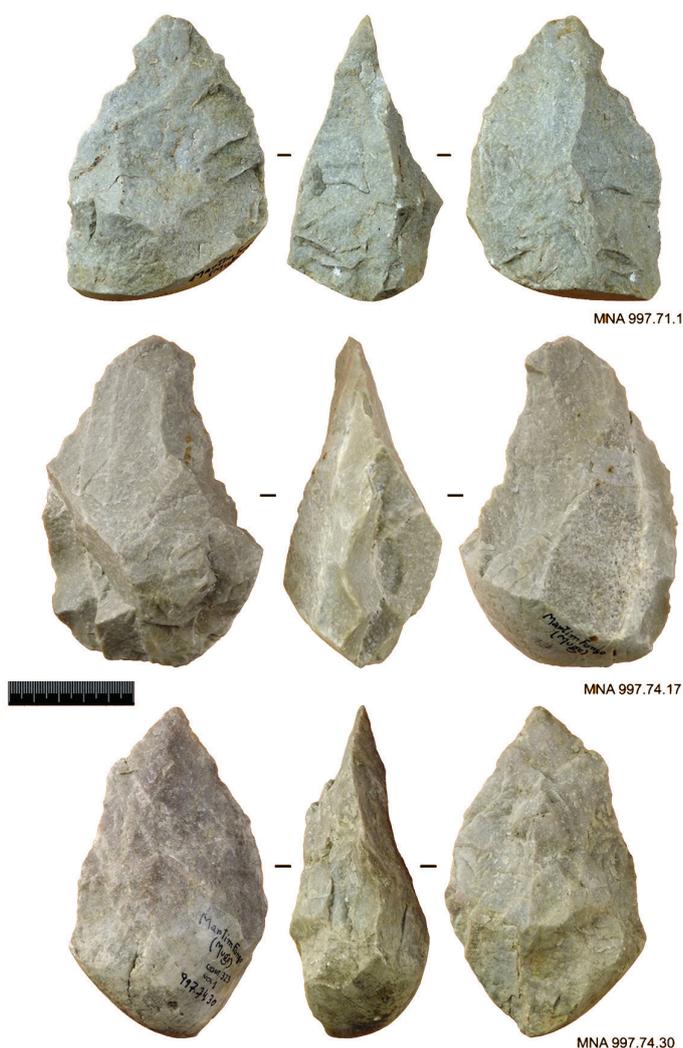


Fig. 4 – Bifaces recolhidos no sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso. MNA 997.74.1: biface subtriangular espesso, suporte indefinido; MNA 997.74.17: biface subcordiforme alongado com talão, espesso, suporte indefinido; MNA 997.74.30: biface cordiforme alongado com talão, espesso, suporte indefinido.

definida, sendo os planos de percussão tanto corticais como não corticais. Tipologicamente, todos eles enquadram-se no tipo IV de M. Santonja (1984).

Apenas um dos núcleos pode ser considerado como esgotado, sendo que os restantes foram descartados quando ainda permitiam a extração de mais lascas.

As lascas extraídas seriam de pequena a média dimensão, não se encontrando estas representadas na coleção (possivelmente por não terem sido recolhidas).

5.3. Unifaces

Este grupo é constituído por apenas quatro exemplares (19% do total dos utensílios), com as seguintes dimensões médias: 120 mm de

comprimento; 77 mm largura de máxima; 71 mm de largura média; 40 mm de altura; 41 mm de espessura; 388 g de peso.

A preferência da escolha do suporte para estas peças recai sobre seixos aplanados, pouco espessos, elípticos e de média dimensão, com apenas uma exceção na qual o suporte não foi identificado. Nos restantes existiu um aproveitamento da morfologia do suporte para criar peças simétricas e ovoides, com um gume cortante na quase totalidade da peça. Apenas a extremidade proximal não é cortante, na medida em que ainda se encontra preservado o córtex, assim como a morfologia original do seixo.

Apenas num dos artefactos a extremidade distal é transversal, sendo os restantes apontados.

5.4. Bifaces parciais

São sete as peças que se incluem no grupo dos bifaces parciais (33% do total de utensílios), apresentando as seguintes dimensões médias: 105 mm de comprimento; 73 mm de largura máxima; 66 mm de largura média; 41 mm de altura; 40 mm de espessura; 308 g de peso.

São peças muito variáveis quanto ao suporte (três seixos, uma lasca e três indeterminadas), assim como às dimensões e morfologia. Como constante têm apenas o facto de serem peças com gume em ambos bordos. São peças assimétricas e pouco equilibradas, com levantamentos sumários nos bordos para definir um gume cortante (irregular).

A extremidade distal é pontiaguda em quatro peças, e arredondada em três peças. A extremidade proximal é espessa não cortante e cortical em seis peças, sendo cortante talhada unifacialmente numa única peça.

5.5. Bifaces

Trata-se de um conjunto de apenas quatro bifaces verdadeiros (15% do total de utensílios). Apresentam as seguintes dimensões médias: 118 mm de comprimento; 75 mm de largura máxima; 66 mm de largura média; 33 mm de altura; 54 mm de espessura; 449 g de peso.

Tipologicamente, dividem-se nas seguintes categorias, segundo a classificação de F. Bordes (1961): biface subtriangular espesso;

biface subcordiforme com talão espesso; biface subcordiforme alongado com talão espesso; biface cordiforme alongado com talão espesso (sendo este o único biface simétrico e equilibrado da coleção).

São peças amplamente configuradas por uma sequência de talhe alternante, pelo que não foi possível identificar o suporte em nenhum dos exemplares. Contudo, pelas suas dimensões, podemos aferir que se tratavam de seixos de grandes dimensões. A extremidade distal é pontiaguda em três casos, no outro foi efetuado um levantamento para definir um gume transversal.

Em todos os artefactos preserva-se córtex apenas na extremidade proximal, sendo esta não cortante e espessa, ainda assim impossibilitando a identificação do suporte original

De uma forma geral são artefactos grosseiros e espessos, pouco equilibrados, apenas com um exemplar simétrico e equilibrado.

5.6. Triédros

Correspondem apenas a duas peças (10% do total dos utensílios), ambas com 131 mm de comprimento, para uma largura média de 68 mm e uma espessura média de 43 mm. São peças alongadas, de secção triangular.

Estes utensílios utilizam grandes lascas como suporte, fraturadas ao longo do eixo de percussão por um acidente de Siret. Essas lascas fraturadas foram aproveitadas pela sua natureza alongada para produzir estes utensílios. O talhe destas peças é sumário, e incide essencialmente na extremidade distal, com o intuito de formar um artefacto pontiagudo, com uma secção triangular. A extremidade proximal é espessa, cortical e não cortante.

Tipologicamente, segundo a classificação de Ch. Leroy-Prost e colaboradores (1981), uma das peças é do tipo 3.2.1 e outra 3.2.3. O primeiro corresponde a um afeiçoamento da extremidade distal com três levantamentos (dois de forma direta na superfície cortical, o outro na aresta de interseção entre as faces de levantamentos resultantes das duas primeiras extrações). O segundo resulta da mesma operação de talhe, preservando não o córtex, mas a face de estalamento da lasca-suporte.



Fig. 5 – Uniface e pico triédrico recolhidos no sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso. MNA 997.74.18: uniface apontado sobre seixo; MNA 997.74.28: pico triédrico do tipo 3.2.3.

5.7. Machados de mão

Estão contabilizados três machados de mão (15% do total de utensílios). As suas dimensões médias são as seguintes: 109 mm de comprimento; 74 mm de largura; 51 mm de espessura; 323 gr de peso. A corda do gume varia entre os 33 mm e os 63 mm.

Segundo a classificação de J. Tixier (1957), um dos machados de mão corresponde ao tipo 0, outro ao tipo I, e o terceiro a uma transição entre os tipos II e V (por preservar um bordo cortical, sem levantamentos).

As direções de extração do suporte variam entre leste e sudeste. São peças equilibradas, talhadas em suportes de grandes lascas (> 10 cm).

Todos os exemplares têm a silhueta em U, e os bordos são retilíneos ou convexos, talhados de forma a tornar o artefacto mais preênsil. A secção é tabular em duas peças e biconvexa assimétrica noutra.

O gume é retilíneo em dois artefactos e convexo em um deles, sendo perpendicular em duas peças e oblíqua noutra. As extremidades proximais são espessas e não cortantes.

O machado de mão de tipo 0 corresponde a uma grande lasca cortical, talhada nos dois bordos para que a morfologia da peça seja preênsil e destaque o gume distal como a área funcional do artefacto, sendo este o resultado da interseção da face de estalamento da lasca com a superfície cortical do suporte.

O machado de tipo I é de igual forma uma

Fig. 6 – Machados de mão recolhidos no sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso. MNA 997.74.21: machado de mão de tipo I; MNA 997.74.29: machado de mão de tipo II–V.



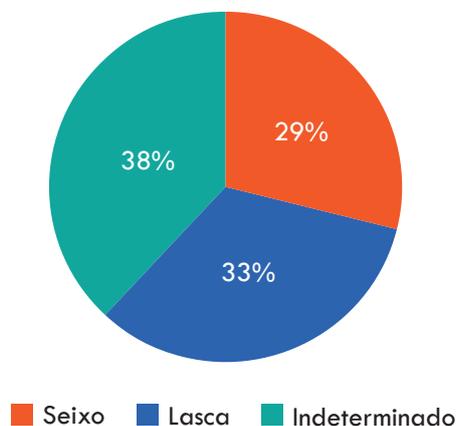
grande lasca cortical talhada bifacialmente, mas nesta existiu um levantamento anterior à extração do suporte, que pré-definiu o gume distal do artefacto.

O último exemplar é de difícil classificação. É uma lasca de grandes dimensões, com uma pré-definição do gume distal, com levantamentos anteriores à extração desta na sua face dorsal; contudo, foi também talhada com amplos levantamentos na face inferior que modificaram em larga medida o suporte. Daí a proposta de um tipo de transição entre os tipos II e V.

5.8. Utensílios diversos

Apenas uma das peças corresponde a um utensílio sobre lasca, que pode ser classificado como raspador lateral convexo, pela existência de retoques contínuos, indiretos e marginais no bordo esquerdo da peça.

Fig. 7 – Relação percentual dos suportes utilizados para o talhe de utensílios no sítio do Sobral do Martim Afonso.



A extremidade proximal da peça é espessa e cortical, assim como o bordo direito; a extremidade distal corresponde também a uma área cortante, embora não retocada.

6. Resultados

O conjunto em estudo representa uma indústria pouco complexa, com uma grande representatividade de artefactos pouco elaborados. Os núcleos não têm uma estratégia de debitage definida, sendo que grande parte dos utensílios é talhada de forma bastante sumária. A abundância de matéria-prima na região faz com que os núcleos sejam sumariamente talhados e logo descartados.

A cadeia operatória dos elementos líticos da jazida do Sobral do Martim Afonso não está representada na totalidade, sendo possivelmente o resultado de recolhas seletivas, visando somente a obtenção de fósseis diretores e negligenciando os restantes artefactos talhados.

As lascas representadas na coleção não são correspondentes aos núcleos. As extrações dos núcleos correspondem a lascas de pequena dimensão, enquanto as lascas estudadas são de média dimensão e as usadas como suporte para os utensílios são de grande dimensão. Contudo, isto não implica a deslocação a grandes distâncias para obter estas grandes lascas, existindo seixos de grandes dimensões nas proximidades que permitiriam a extração destes elementos. De qualquer modo, estes não estão representados na coleção.

Dominam as operações de configuração para o fabrico de utensílios (15 artefactos), sendo a debitage de suportes para utensílios (sete artefactos) quase exclusiva aos machados de mão e triedros, existindo apenas um biface sobre lasca, assim como um outro utensílio diverso; e mesmo estes produtos de debitage passam por operações de configuração, embora estas sejam sumárias.

Existe uma clara predominância dos bifaces face aos restantes utensílios, que em comparação ocupam uma percentagem reduzida.

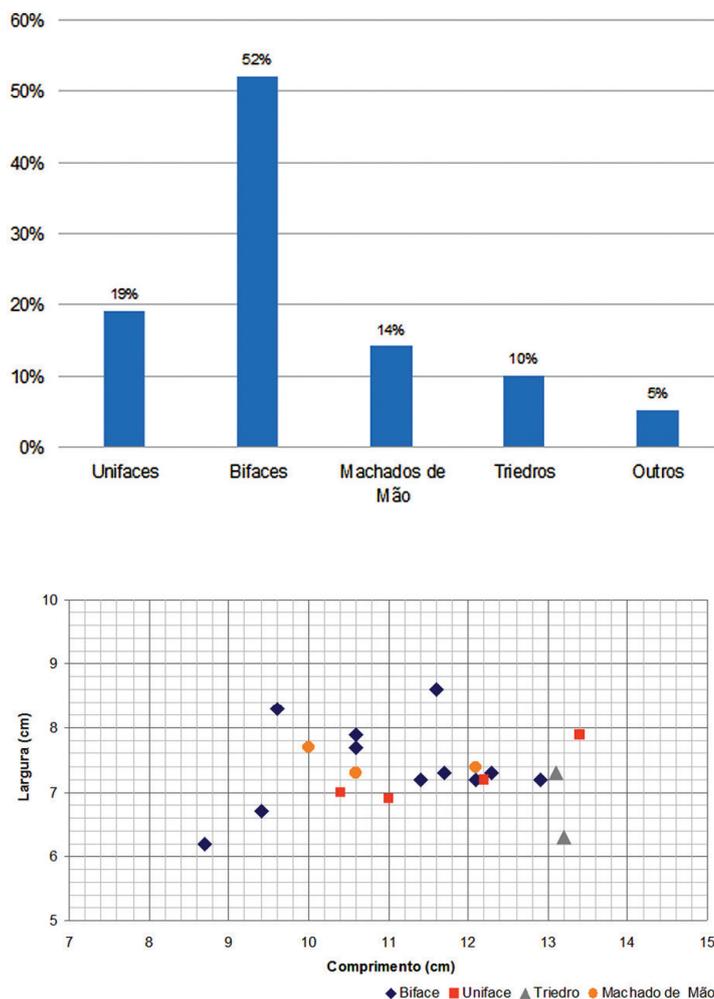
No entanto, os restantes utensílios com baixa representatividade, como os machados de mão e os triedros, são os mais expressivos pelo seu forte carácter «africano», com as primei-

ras produções destes artefactos a surgirem no norte de África (Biberson, 1954; Tixier, 1957). Mesmo as tipologias utilizadas para os classificar foram inicialmente desenvolvidas para caracterizar estas indústrias líticas norte-africanas (Tixier, 1957; Leroy-Prost & alii, 1981). Mais recentemente, têm sido mais integrados na tecnologia acheulense de grandes lascas, também de carácter africano (Sharon, 2010; Rubio & alii, 2016), o que sugere uma eventual travessia do Acheulense para a Península Ibérica pelo Estreito de Gibraltar (Sharon, 2011; Santonja & alii, 2016; Rubio & alii, 2016). Este «carácter africano» das indústrias em quartzito do Tejo já havia sido igualmente mencionado no estudo dos materiais paleolíticos da região do Ródão (GEPP, 1977).

Contudo, estas indústrias são caracterizadas por apresentarem uma larga percentagem de utensílios fabricados sobre lasca (Sharon, 2010), enquanto no Sobral do Martim Afonso esta realidade é quase exclusiva aos machados de mão e aos triédros, sendo os bifaces produzidos maioritariamente sobre seixo ou sobre suporte indefinido (à exceção de um biface sobre lasca). Em território português, esta dissimilitude, com a caracterização das indústrias acheulenses de grandes lascas, foi também atestada na jazida do Casal do Azemel em Leiria (Cunha-Ribeiro, 1999; Varanda, 2015).

7. Contextualização local

As restantes jazidas paleolíticas da região são, assim como o Sobral do Martim Afonso, resultado de deposições secundárias nos terraços do Tejo, ou então em contexto de colúvio (Salvador, 2002; Pereira, 2004, 2006; Moral & alii, 2011). À exceção da jazida da Quinta da Boavista, dos trabalhos realizados na A13 e da jazida de Vale do Forno 1 (Alpiarça) todas as outras evidências de ocupações paleolíticas são provenientes de recolhas seletivas, tanto de superfície como nos cortes de erosão da Ribeira de Muge e dos cursos de água subsidiários. Apesar de constituir uma dificuldade para um estudo completo do Paleolítico da região, não deixa de permitir uma comparação, mais vocacionada para a componente utensilar, entre



as jazidas. De qualquer maneira, o sítio do Sobral do Martim Afonso inclui-se numa extensa mancha de ocupação, disposta ao longo do terraço Q3, estendendo-se entre as jazidas das Malhadinhas e da Quinta da Boavista. Deverá assim ser lido em conjunto com as jazidas de Adua 1 e 2, Amieira, Amoreira 2, Sobreiro do Neto e Vale Pacheco (Lopes, 1999).

Assim sendo, desde logo o Sobral do Martim Afonso se destaca das jazidas de Muge pela ausência de elementos líticos característicos do Paleolítico Médio, como a tecnologia *levallois*. Enquanto nas Malhadinhas (Pereira, 2004), na Vinha do Veiga (Santos, 1968), nos sítios identificados durante a construção da A13 (Pereira, 2006) ou nas estações paleolíticas da Barreira do Tojal e Barreira do Vale do Forno em Alpiarça (Salvador, 2002) existem sempre representados materiais de

Fig. 8 – Relação percentual dos tipos de utensílio existentes no sítio do Sobral do Martim Afonso.

Fig. 9 – Distribuição da relação comprimento-largura dos utensílios (bifaces verdadeiros e parciais, unifaces, picos triédricos e machados de mão) existentes no sítio do Sobral do Martim Afonso.

Quadro 2 – Jazidas da área de Muge atribuíveis ao Paleolítico (seg. Lopes, 1999).

Sítio	Cronologia proposta	Principal espólio recolhido	Contexto geológico
Adua 1	Paleolítico Inferior	Artefactos sobre seixos de quartzito, patinados	Q3 – Tirreniano I
Adua 2	Paleolítico Inferior	Unifaces e bifaces de quartzito, com diferentes graus de patine	Q3 – Tirreniano I
Alqueve 1 (Porto Sabugueiro)	Paleolítico	Artefactos sobre seixos de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Alqueve 2 (Porto Sabugueiro)	Paleolítico	Artefactos sobre seixos de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Amieira	Paleolítico	Unifaces de quartzito	Q3 – Tirreniano I
Amoreira 2	Paleolítico Inferior	Unifaces e bifaces de quartzito	Q3 – Tirreniano I
Arneiro dos Moinhos	Paleolítico	Unifaces e bifaces de quartzito	Areias superficiais
Arneiro dos Pescadores	Paleolítico	Artefactos e lascas de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Barreira Vermelha	Paleolítico Inferior	Unifaces e bifaces de quartzito	Q3 – Tirreniano I
Cabeço da Arruda	Paleolítico	Unifaces e bifaces de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Casalinho	Paleolítico Médio (?)	Unifaces, bifaces e lascas de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Granho	Paleolítico Inferior	Unifaces e bifaces de quartzito	Q3 – Tirreniano I
Horta da Casa Cadaval 1	Paleolítico	Artefactos sobre seixos de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Malhadinhas	Paleolítico Inferior	Unifaces e bifaces de quartzito	Q3 – Tirreniano I
Quinta da Boavista	Paleolítico Inferior	Unifaces e bifaces de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Quinta da Fábrica	Paleolítico	Artefactos sobre seixos de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Serradinho	Paleolítico	Artefactos sobre seixos de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Sobral do Martim Afonso	Paleolítico Inferior	Unifaces, bifaces, machados de mão, lascas e núcleos de quartzito	Q3 – Tirreniano I
Sobreiro do Neto	Paleolítico	Artefactos sobre seixos de quartzito	Q3 – Tirreniano I
Telha Formosa	Paleolítico Inferior	n.a.	n.a.
Três Marcos	Paleolítico Inferior	Artefacto sobre seixo de quartzito patinados, lascas e «pico» de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Vale de Água-Mor	Paleolítico Inferior	Artefactos sobre seixos de quartzito, com grande variedade tipológica	Q4 – Tirreniano II
Vale da Louceira	Paleolítico (?)	n.a.	Q3 – Tirreniano I
Vale Pacheco	Paleolítico Inferior e Médio	Artefactos sobre seixos de quartzito, lascas de quartzito	Q3 – Tirreniano I
Vale dos Pegos	Paleolítico Inferior	Artefactos sobre seixos de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Valinho da Rosa	Paleolítico Inferior	Artefactos sobre seixos de quartzito	Q4 – Tirreniano II
Vinha do Veiga	Paleolítico Inferior	Unifaces e bifaces de quartzito	n.a.

cronologias posteriores, tais como lascas e núcleos *levallois* ou *mustierenses* (Salvador, 2002; Pereira, 2004, 2006), esta realidade está aparentemente ausente no caso do Sobral do Martim Afonso.

Contudo, outros elementos poderão ser considerados neste âmbito. Com efeito, poderá sempre ser evocada a aparente continuidade de utilização de machados de mão durante o Paleolítico Médio, tal como se atesta em contextos do norte de Espanha ou no sudoeste

de França (cf. Rodríguez, 1983; Cabrera, 1984; Álvarez, 2014; Deschamps, 2017). Para a área portuguesa, esta temática não tem sido devidamente abordada, reconhecendo-se todavia a sua presença em alguns escassos contextos eminentemente *mustierenses*, como na Gruta da Oliveira (Zilhão & *alii*, 2013; Deschamps & *alii*, 2016).

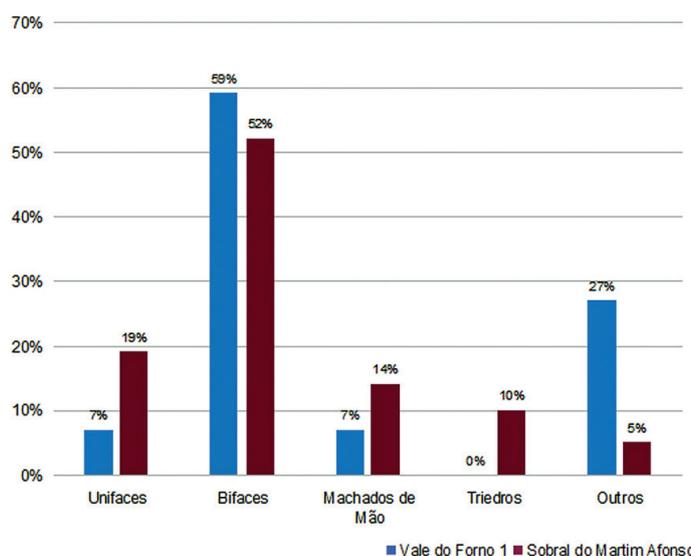
Em termos teóricos, é possível distinguir os exemplares atribuíveis ao Paleolítico Inferior daqueles atribuíveis ao Paleolítico Médio,

de acordo com a avaliação estatística das suas características morfo-tecnológicas (cf. Benito, 1983). No entanto, tendo em conta a exiguidade da amostra aqui estudada, não podemos clarificar esta hipótese com certeza, muito embora as características genéricas dos elementos do Sobral do Martim Afonso permitam aproximá-los dos exemplares atribuíveis ao Acheulense (ao que se alia a ausência de outros elementos claramente atribuíveis ao Paleolítico Médio).

A jazida da Quinta da Boavista é um caso diferente dos anteriores, e de difícil comparação com as restantes, principalmente pela reduzida quantidade de utensílios no total dos materiais líticos. No entanto, esta foi igualmente enquadrada no Acheulense (Moral & alii, 2011). Neste sítio estão ausentes os machados de mão e os triedros, contando-se apenas com um pequeno conjunto de bifaces (Moral & alii, 2011), assim como na Vinha do Veiga (Santos, 1968). A jazida das Malhadinhas é a única da região de Muge com os mesmos utensílios representados na sua coleção. Embora percentualmente o conjunto dos bifaces apresente uma maior preponderância face aos restantes utensílios, esta pode ser apenas resultado da seleção das peças aquando da sua recolha.

Mais a montante, na região de Alpiarça, na jazida do Vale do Forno 1, também não existem evidências de *levallois*. À exceção dos triedros, apresenta grosso modo os mesmos utensílios que o Sobral do Martim Afonso. Mas tal como nas Malhadinhas, existe uma maior representatividade dos bifaces face aos restantes utensílios (Salvador, 2002), sendo que a categoria *outros* engloba sobretudo raspadores. Mas, neste caso, a recolha seletiva não parece ser o fator condicionante nesta leitura, uma vez que são materiais provenientes de escavação com recolhas indiscriminadas (Salvador, 2002).

O quartzito, pela sua abundância na região, é sempre a matéria-prima de eleição nestes contextos, mesmo em sítios de cronologia mesolítica, como Vale da Louceira (Pereira, 2006). No entanto, quando se trata de indústria lítica *levallois*, existe uma preferência por quartzitos de grão fino, enquanto nos demais utensílios o grão médio é maioritário (Pereira, 2006).



8. Conclusões

Não existem na coleção do Sobral do Martim Afonso elementos tecnológicos aparentemente mais recentes que os fósseis diretores do Acheulense, com elementos marcadamente africanos e comuns aos dois lados do estreito de Gibraltar.

Apesar de este ser um estudo limitado, permitiu o enquadramento destes materiais descontextualizados na realidade acheulense na margem esquerda do Tejo, em especial na região da ribeira de Muge, assim como a sua integração nas atuais linhas de investigação sobre o Acheulense de grandes lascas.

Contudo, a impossibilidade de atribuição de uma localização exata à própria jazida, assim como um contexto estratigráfico rigoroso, impede uma abordagem mais concreta e a integração destes materiais num sítio específico e na aferição criteriosa da tecnologia lítica que pode provir dessa localização.

Esboça-se assim, como perspetiva de trabalho, o estudo conjunto das coleções do Museu Nacional de Arqueologia, do Museu de História Natural do Porto e do Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, complementado com novos trabalhos de campo conduzidos com metodologias atualizadas, procurando integrar o sítio do Sobral do Martim Afonso no contexto das primeiras ocupações humanas do vale do Tejo.

Lisboa, junho-agosto de 2016

Fig. 10 – Relação percentual da utensilagem da jazida de Vale do Forno 1 (seg. Salvador, 2002) e sua comparação com a utensilagem do sítio do Sobral do Martim Afonso.

Bibliografia citada

- ÁLVAREZ ALONSO, David (2014) – First Neanderthal settlements in northern Iberia: the Acheulean and the emergence of Mustertian technology in the Cantabrian region. *Quaternary International*. 326–327, pp. 288–306.
- ANDRADE, Marco António (no prelo) – O sítio pré-histórico do Sobral do Martim Afonso (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal): um curioso contexto do Neolítico final/Calcolítico na margem esquerda do baixo Tejo. *Ophiussa*. 1.
- BENITO DEL REY, Luis (1983) – Convergencias y divergencias técnicas y morfológicas entre dos colecciones de hendidores: una acheulense y otra mustertiense. *O Arqueólogo Português*. 4.ª série. 1, pp. 39–62.
- BIBERSON, Pierre (1954) – Le hachereaux dans l'Acheuléen du Maroc Atlantique. *Libyca*. 2, pp. 39–61.
- BORDES, François (1961) – *Typologie du Paléolithique ancien et moyen*. Vol. 1. 2ª éd. Paris: CNRS.
- BREUIL, Henri; ZBYSZEWSKI, Georges (1942) – Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 23.
- BREUIL, Henri; ZBYSZEWSKI, Georges (1945) – Contribution à l'étude des industries Paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. Les principaux gisements des plages quaternaires du littoral d'Estremadura et des terrasses fluviales de la basse vallée du Tage. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 24.
- CABRERA VALDÉS, Victoria (1984) – *El yacimiento de la cueva de El Castillo (Puente Viesgo, Santander)*. Madrid: CSIC.
- CORRÊA, António Mendes (1940) – Novas estações líficas em Muge. In *Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História (I Congresso)*. Vol. 1. Lisboa: Comissão Executiva dos Centenários, pp. 113–127.
- CUNHA-RIBEIRO, João Pedro (1999) – *O Acheulense no Centro de Portugal: o Vale do Lis. Contribuição para uma abordagem das suas indústrias líficas e problemática do contexto crono-estratigráfico*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa, 3 vols., policopiado.
- DESCHAMPS, Marianne (2017) – Late Middle Palaeolithic assemblages with flake cleavers in the western Pyrenees: the Vasconian reconsidered. *Quaternary International*. 433 (B), pp. 33–49.
- DESCHAMPS, Marianne; MATIAS, Henrique; ZILHÃO, João (2016) – Patterns of long-term change in Middle Paleolithic stone tool technology at Gruta da Oliveira (Almonda karst system, Torres Novas, Portugal). In *Proceedings of the European Society for the study of Human Evolution 5 (PESHE 5)*, p. 77.
- GEPP (1977) – O estudo do Paleolítico da área do Ródão. *O Arqueólogo Português*. 4.ª série. 3, pp. 221–237.
- LEROY-PROST, Christiane; DAUVOIS, Michel; LEROY, Jean Pierre (1981) – Project pour une FTA 1 du groupe des trièdres de l'Acheuléen nord-africain. In *Mélanges offerts au Doyen Lionel Balout*. Paris: Editions A.D.P.F., pp. 293–299.
- LOPES, [Edmundo Arménio] Correia (1913) – Aquisições do Museu Etnológico Português: I. *O Archeologo Português*. 18, pp. 131–165.
- LOPES, Gonçalo (1999) – *Carta arqueológica da bacia inferior das Ribeiras de Muge e Alpiarça*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Universidade de Évora, policopiado.
- MORAL DEL HOYO, Sergio; ESPINOSA SOTO, Juan; CUNHA-RIBEIRO, João Pedro; TERRADILLOS BERNAL, Marcus (2008) – Contribuição para o estudo das ocupações do Plistocénico médio na margem esquerda do Baixo Tejo. Estudo tecnológico da indústria lífica proveniente da escavação na Quinta da Boavista (Salvaterra de Magos, Portugal). *Era Arqueologia*. 8, pp. 92–108.
- NEVES, Maria L. Azevedo (1988) – Estudo tipológico da estação paleolítica de Malhadinhas (Muge). *Arqueologia*. 18, pp. 8–21.
- PEREIRA, Telmo (2004) – Malhadinhas, uma coleção do Museu do Instituto Geológico e Mineiro. In ALLUÉ MARTÍ, Ethel; MARTÍN UIXAN, Josep; CANALS I SALOMÓ, Antoni; CARBONELL I ROURA, Eudald, eds. – *Actas del 1er Congreso Peninsular de Estudiantes de Prehistoria*. Tarragona: Universitat Rovira i Virgili, pp. 151–157.
- PEREIRA, Telmo (2006) – Novas e velhas estações de Muge. In BICHO, Nuno; VERÍSSIMO, Hugo, eds. – *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular: do Epipaleolítico ao Calcolítico*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 71–80.
- RODRÍGUEZ ASENSIO, José Adolfo (1983) – *La presencia humana más antigua en Asturias: (el Paleolítico Inferior y Medio)*. Oviedo: Fundación Pública de Cuevas y Yacimientos Prehistóricos de Asturias, Principado de Asturias, Consejería de Educación y Cultura.
- RUBIO JARA, Susana; PANERA GALLEGO, Joaquín; RODRÍGUEZ DE TEMBLEQUE, Juan; SANTONJA GÓMEZ, Manuel; PÉREZ GONZÁLEZ, Alfredo (2016) – Large flake Acheulean in the middle of Tagus basin (Spain): middle stretch of the river Tagus valley and lower stretches of the rivers Jarama and Manzanares valleys. *Quaternary International*. 411 (B), pp. 349–366.

- SALVADOR, Maria Margarida (2002) – *Contribuição para o estudo do Paleolítico Inferior do Vale do Forno – Alpiarça, no seu contexto crono-estratigráfico*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- SANTONJA GÓMEZ, Manuel (1984–1985) – Los núcleos de lascas e las indústrias paleolíticas de la Meseta Espanola. *Zephyrus*. 27–28, pp. 17–33.
- SANTONJA GÓMEZ, Manuel; PÉREZ GONZÁLEZ, Alfredo; PANERA GALLEGO, Joaquín; RUBIO JARA, Susana; MÉNDEZ QUINTAS, Eduardo (2016) – The coexistence of Acheulean and Ancient Middle Palaeolithic techno-complexes in the Middle Pleistocene of the Iberian Peninsula. *Quaternary International*. 411 (B), pp. 367–377.
- SANTOS, Maria Cristina (1968) – Paleolítico da Vinha do Veiga. *O Arqueólogo Português*. 3.ª série. 2, pp. 15–23.
- SANTOS, Maria Cristina (1969) – Subsídio para o estudo do Paleolítico da aldeia da Glória (Salvaterra de Magos). *Revista de Guimarães*. 79:3–4, pp. 227–234.
- SHARON, Gonen (2010) – Large flake Acheulian. *Quaternary International*. 223–224, pp. 226–233.
- SHARON, Gonen (2011) – Flakes crossing the straits? Entame flakes and Northern Africa-Iberia contact during the Acheulean. *African Archaeological Review*. 28, pp. 125–140.
- TIXIER, Jaques (1957) – Le hachereau dans l'Acheuléen nord-africain: notes typologiques. In *Congrès Préhistorique de France – Compte rendu de la XV^e session. Poitiers-Angoulême, 15–22 juillet 1956*. Paris: Société Préhistorique Française, pp. 914–923.
- VARANDA, Alexandre (2015) – *Os machados de mão da jazida do Casal do Azemel no contexto das indústrias de grandes lascas acheulenses*. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- ZBYSZEWSKI, Georges (1958) – Le Quaternaire du Portugal. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. 13:1–2, pp. 1–225.
- ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga (1968) – *Notícia explicativa da folha 31-C (Coruche) da Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- ZILHÃO, João; ANGELUCCI, Diego; AUBRY, Thierry; BADAL, Ernestina; BRUGAL, Jean-Philippe; CARVALHO, Rui; GAMEIRO, Cristina; HOFFMANN, Dirk; MATIAS, Henrique; MAURÍCIO, João; NABAIS, Mariana; PIKE, Alistair; PÓVOAS, Liliana; RICHTER, Daniel; SOUTO, Pedro; TRINKAUS, Erik; WAINER, Karine; WILLMAN, John (2013) – A Gruta da Oliveira (Torres Novas): uma jazida de referência para o Paleolítico Médio da Península Ibérica. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 259–269.